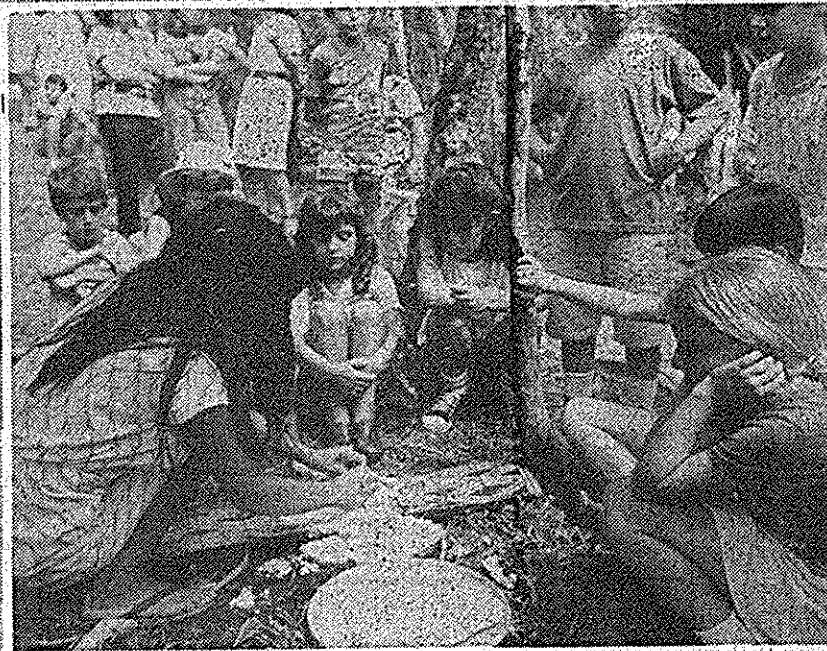


Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo Class.: PIX - Quilômetros/Visitas

Data: 13/04/88 Pg.: 747



Epitácio Pessoa

Um dia de muitas novidades no sítio: as crianças aprendem a lutar com os índios, que mostram a semente de urucum e ensinam a preparar biju de mandioca e subir em árvore

Dia de índio para crianças no sítio

ROSANA ORTIZ

Um grupo de 68 crianças de sete e oito anos passou todo o dia de ontem cantando músicas indígenas e aprendendo a atirar flechas com índios das tribos trumai e camaiurá. O encontro foi num sítio a 90 quilômetros de São Paulo, onde os índios que vivem na reserva do Xingu ensinaram um pouco de sua cultura a alunos de 1º grau do Colégio Mackenzie. Eles mostraram às crianças como preparar o biju de mandioca a alunas de 1º grau do Colégio Mackenzie. Eles mostraram às crianças como preparar o biju de mandioca a alunas de 1º grau do Colégio Mackenzie. Eles mostraram às crianças como preparar o biju de mandioca a alunas de 1º grau do Colégio Mackenzie.

O "dia do índio" preparado pela equipe de professores da empresa Módulo Recreação e Lazer começou cedo, com as crianças ansiosas por conhecer um índio "de verdade". Ao chegar ao Sítio do Barnabé, em Ju-

quitiba, só havia descontração e curiosidade, pois as crianças logo venceram a vergonha e começaram a chamar os guerreiros de "tios".

"Minha mãe pensou que era índio de mentira. Se soubesse que eles são do Xingu, não me deixaria vir", disse Eduardo, de oito anos, classificando os índios de "muito civilizados, mais do que eu imaginava".

Civilizado, para Eduardo, significa índio vestido, falando português e não atirando flechas nos brancos: "Eles são muito legais, amigos mesmo. Nos ensinaram a conhecer as plantas e descobrir remédios entre as raízes que a gente pensa que é só mato". Ontem, sentir uma picada de formiga era sinônimo de alegria para a garotada, que logo pedia ao "tio" Camani para es-

fregar raiz de gulepó no machucado. "Nem adianta oferecer pomada porque eles não querem", disse a coordenadora de alunos Elizabeth Bimbatti, guardando na bolsa um tubo de Fenergan.

Além de caminhar pelas matas, Camani — da tribo trumai — e Iacomí — da tribo camaiurá — demonstraram às crianças como subir em árvores. Quando a escalada terminou, Alan, de sete anos, olhou as mãos vazias dos índios e perguntou desapontado: "Não tinha nenhuma mandioca?" O trabalho das mulheres índias, preparando a massa de mandioca e o biju, foi acompanhado de perto pelos alunos, que aprovaram o gosto da "panqueca" diferente: "É uma delícia. Parece biscoito" — disse Patrícia, de oito anos.

Admirada com a beleza dos in-

dios, Fernanda, de sete anos, uma loirinha de olhos verdes, se perguntava como é que os homens podem ser tão diferentes: "Aqui, são eles que cuidam das crianças. Ficam com elas no colo mesmo tendo que caçar, pescar e acender a fogueira. Em São Paulo homem nenhum faz isso. Lá eles só querem saber de descansar".

Dança e luta

O ponto alto do dia foi logo após o almoço, durante o qual crianças e índios preferiram comer lasanha. No centro de uma grande roda, Camani e Iacomí demonstraram uma dança indígena, o "oi-paranaê", cujos passos foram rapidamente aprendidos pelos alunos. Ao final, Daniele, de sete anos, sugeriu que o

grupo cantasse para os índios, que ficaram emocionados ao ouvir as crianças agradecendo a Tupã e Ubirajara pela criação das árvores e pássaros. "Acho que eles gostaram muito de saber que a gente conhece a história dos deuses indígenas", disse Daniele.

"Não imaginei que as crianças de São Paulo pensassem nos índios, ou soubessem as coisas em que a gente acredita. Para mim foi uma surpresa" — afirmou Camani, que domina o português e sonha em colocar seu filho em uma escola como o Mackenzie: "Faria qualquer coisa para que as crianças da minha tribo tivessem uma educação boa, igual à das crianças das grandes cidades". Os monitores da Módulo Recreação e Lazer contaram a história do Qua-

rup (festa que lembra os guerreiros mortos), e os índios demonstraram a luta uca-uca, tradicional combate que faz parte da comemoração.

Os índios que ontem passaram o dia com os alunos do Mackenzie foram trazidos a São Paulo pela Funai para tratamento médico. O programa da Módulo se estenderá até sexta-feira, cerca de 250 crianças deverão ter um "dia de índio" no Sítio Barnabé. Para transmitir aos alunos um pouco de seus conhecimentos, os índios recebem uma diária de Cr\$ 1.500,00. "Muito pouco dinheiro" — na opinião de Camani. Antes de voltar para a reserva, ele quer comprar roupas e panelas, coisas que aprendeu a usar com os brancos e que hoje fazem parte da cultura dos grupos trumai e camaiurá.